

CONTRIBUIÇÃO DA ANÁLISE IMANENTE À PESQUISA DE TEXTOS

Gilmaisa Macedo da Costa¹

Resumo

Este texto discute a contribuição da análise imanente para a pesquisa textual, ressaltando a necessidade da investigação dos clássicos para o conhecimento. Delineia os aspectos históricos da análise imanente como procedimento diante da pesquisa histórico-ontológica marxiana com seu significado para a apreensão dos problemas atuais.

Palavras-chaves: Ontologia marxiana; pesquisa; análise imanente.

CONTRIBUTION OF STRUCTURAL ANALYSIS TO THE FIELD OF TEXT RESEARCH

Abstract

The article deals with the contribution of structural analysis to the field of text research, emphasizing the need of investigating the classics for the advancement of knowledge. It outlines the historical aspects of structural analysis as a procedure within the realm of Marxist historical-ontological research, pointing out, as well, its relevance for the apprehension of the current problems.

Key words: Marxian ontology; research; structural analysis.

¹ Doutora em Serviço Social. Professora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: gilmaisa@uol.com.br

A crise em que o mundo se encontra imerso hoje abrange a vida social em múltiplos sentidos. Tem sido objeto de debate entre muitos autores, vista sob ângulos diversos como crise do trabalho, crise da centralidade do trabalho, crise dos paradigmas, crise da economia capitalista etc. Com ela têm-se ocupado, entre outros, autores como Clarke (1991), Offe (1989), Secco (1986); outros entendem até que a crise foi resolvida com a financeirização. Mészáros (2002 e 2007) a compreende como uma crise estrutural do sistema do capital, distinta das anteriores crises cíclicas que este experimentou em seu processo de expansão e de acumulação. O certo é que a crise, instaurada com as transformações contemporâneas desde a exaustão do keynesianismo e dos modelos socialistas do leste europeu, tem contribuído para acentuar o pessimismo com relação às perspectivas históricas das grandes narrativas e suas respostas aos problemas do mundo atual. Na década de 1990, o neoliberalismo assume com força a direção do pensamento social e emergem as teses do fim do trabalho, sob o argumento do fim da centralidade política dos trabalhadores no mundo. Argumento que sustentaria a derrocada das teses marxianas do trabalho como elemento central na vida em sociedade, supostamente negadas pela história.

O problema do conhecimento não escapa dessa crise, e a separação entre ciência e ontologia aparece de forma ainda mais acentuada, em especial pelas tendências que defendem a possibilidade do conhecimento limitada ao plano dos objetos singulares e em seus aspectos sensíveis, além de completamente desconectado de qualquer dimensão filosófica essencial. Uma herança da separação entre filosofia e ciência desde que a verdade se tornou desinteressante para as ciências, passando a valer somente o experimento e a atividade prática. Separação sedimentada pelo pensamento burguês desde o Renascimento, na transição para a sociabilidade capitalista, quando, junto a uma correta crítica ao antropomorfismo predominante da Idade Média, defende o conhecimento das objetividades nelas mesmas, operado pelas ciências nos confrontos entre os ideais da emergente burguesia e os ideais da aristocracia feudal. Naquele período instaura-se uma crise filosófica cuja solução será dimensionada pela defesa de uma dupla verdade, a verdade da ciência e a verdade metafísica, com a liberdade de investigação para ambas na perfeita separação entre ciência e filosofia. A necessidade do emprego do conhecimento científico no desenvolvimento dos

processos de trabalho terá grande peso aí e será decisiva na consolidação do modo de produção capitalista e em sua posterior expansão, na qual a ciência alcança um desenvolvimento sem precedentes, especialmente aquela ocupada com a pesquisa da natureza.

O Racionalismo moderno decorrente dessa transição se eleva à condição de grande impulsionador do pensamento humano em seu movimento revolucionário, tendo seu ponto alto em Hegel, o último dos grandes liberais herdeiros do Iluminismo. Entretanto:

Um exame dos desenvolvimentos teóricos do último século e meio revela que a concepção histórica ilustrada da tradição filosófica burguesa dá lugar ao ceticismo e ao pessimismo cada vez mais difundidos, desde as décadas posteriores à morte de Hegel até a nossa época. [...] Com a adoção dessas visões, todas as conquistas genuínas da tradição do Iluminismo no campo da teoria da história são completamente subvertidas. Pois as principais figuras do Iluminismo procuraram traçar uma linha de demarcação significativa entre a natureza que rodeia o *homo sapiens* e o mundo da interação societária produzido pelo homem para tornar inteligíveis as especificidades regidas por regras do desenvolvimento sócio-histórico que emergem da busca de objetivos humanos. Hoje, muito ao contrário, até a racionalidade e a legitimidade dessas reflexões são negadas com firmeza categórica. Assim, a temporalidade histórica é radicalmente suprimida e o domínio da história humana submerge no mundo cósmico da natureza – em princípio, ‘desprovida de sentido’ (MÉSZÁROS, 2007, p.45).

Naquele momento se afirma a autonomização do conhecimento científico ante a filosofia, especialmente com a eliminação da questão ontológica, seja idealista, seja materialista, mediante a criação de campos particulares de conhecimento. O problema central é a utilidade a ser alcançada pela manipulação de determinados objetos com ajuda de conhecimentos práticos. Tudo isso se articula ao desenvolvimento capitalista sob a direção da burguesia, agora na condição de classe dominante. Nesse processo:

O nascimento de uma nova ciência, a sociologia, serve fundamentalmente para tratar as categorias sociais separadamente da economia e, portanto, por um lado para transformá-las agora que foram destacadas da base econômica – em formas ‘eternas’, ‘universais’, da convivência dos homens, abstratamente concebida, e, por outro, para destacar os fenômenos econômicos de sua referência à sociedade e conseqüentemente para transformá-los de formas ‘puramente econômicas’ em ‘eternos’ e ‘universais’. (LUKÁCS, 1978, p.93-4).

O positivismo filosófico exerce nesse âmbito um reforço fundamental no sentido de redimensionar o conhecimento para a afirmação da sociedade. Tratava-se de superar a negação presente no momento revolucionário e produzir uma positividade necessária à conservação da sociedade como fim da história. Segundo Lukács:

O positivismo e, sobretudo, o neopositivismo ocupam nesse desenvolvimento da filosofia um papel específico na medida em que aparecem com a pretensão de perfeita neutralidade em todas as questões relativas à concepção de mundo, de deixar simplesmente em suspenso todo o ontológico, e de produzir uma filosofia que remove por completo de seu âmbito o complexo problemático referente àquilo que é em si, tomado como pseudoproblema, irrespondível por princípio (LUKÁCS, 1981b, p.33-34).

O Racionalismo hegeliano havia posto o problema de uma ontologia idealista com a qual Marx faz uma interlocução crítica e realiza uma inversão do ponto de vista materialista histórico². Este último inicia sob outras bases a apreensão do social no sentido da objetividade mesma e da história humana enquanto uma totalidade na qual o capitalismo se efetiva como um momento particular. A ontologia marxiana está precisamente direcionada a refletir e expressar o homem em sua efetividade real, e uma serena aproximação com a obra de Marx mostra a presença em *O Capital* das suas teses ontológicas, fruto de longos estudos, especialmente em os *Grundrisse*.

Lukács irá analisar essas teses na primeira parte de sua *Ontologia*, configurando um conjunto de formulações decisivas da ontologia marxiana para a apreensão do ser enquanto ser. Certamente essa busca da verdade no ser efetivamente real permitiu a Marx não apenas desvencilhar-se das armadilhas do idealismo, mas a produção de um pensamento que inaugurou um modo peculiar de expressar o mundo do capital em suas possibilidades de superação, que não menospreza o pensamento racional, mas o redimensiona inteiramente.

A defesa de uma ontologia materialista no Lukács de *Per l'ontologia dell'essere sociale*, obra produzida na sua maturidade, é amplamente apoiada no estatuto ontológico da obra de Marx. Convém lembrar que entre aqueles que pensam a superação do pensamento de Marx na perspectiva de que suas idéias já não seriam válidas para o nosso tempo e, portanto, que não haveria mais o que

² Lukács discute essas questões na primeira parte de sua ontologia no capítulo *A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel*. (Lukács. G. *Per l' ontologia dell' essere social*. 1981b).

aprender com elas, persiste também a defesa de uma separação entre o caráter filosófico especulativo na produção do jovem Marx e o caráter científico do velho Marx de *O Capital*. Não há dúvida que na produção do autor se delineia um processo no qual a aproximação ao conhecimento não se dá de forma linear e culmina na madura produção de *O Capital*, mas não na negação dos traços ontológicos peculiares ao ser social. Marx é o primeiro a identificar a teleologia como algo exclusivo do trabalho, portanto, do social, e o trabalho enquanto categoria decisiva, portadora da interação teleologia/causalidade, definindo o homem como produtor de si mesmo e de sua história em bases materiais.

A precisa formulação do trabalho enquanto “eterna necessidade” humana está presente também em *O Capital*. A famosa formulação no capítulo 5 do livro primeiro acerca do trabalho na contraposição da atividade humana à atividade da abelha contém os elementos fundamentais do trabalho no sentido ontológico enquanto eterna necessidade, portanto, presente em qualquer forma de sociabilidade, das mais simples às mais complexas. Do trabalho surgem os desdobramentos do processo de reprodução social pelo constante afastamento das barreiras naturais que serviram até mesmo de ponto de partida para Lukács e tantos outros que identificam conexões entre o jovem e o velho Marx, conexões de natureza referente ao ser social.

É justamente esse o ponto de apoio de Lukács para a investigação do trabalho como atividade central do ser social cuja existência somente se efetiva no interior do processo de reprodução, configurando a base essencial do desenvolvimento humano-genérico. No processo de reprodução social Lukács identifica a sociabilidade e a individuação como dois pólos distintos, mas articulados e indissociáveis, do desenvolvimento humano-genérico. Neste sentido do processo de individuação a constituição da individualidade é um momento tão ontologicamente real quanto o desenvolvimento das forças produtivas que configuram a sociabilidade humana.

O problema da individualidade humana é um tema que durante um bom tempo foi relegado pelo marxismo a uma condição pouco significativa, como se não

compusesse os múltiplos complexos da totalidade social³. Alguns pesquisadores até negam que essa dimensão do homem tivesse sido objeto de preocupação de Marx. Ele certamente não se ocupou de uma teorização específica a respeito da individualidade, mas ela aparece articulada à totalidade em momentos significativos de sua obra, na apreensão do particular modo como os homens emergem no capitalismo enquanto indivíduos livres e assim são expressos pela ideologia e se tornam objeto de preocupação da ciência. Poucos se dedicaram à investigação neste campo; só recentemente o tema ganhou um espaço mais relevante, adquirindo certo acúmulo dentro da tendência marxiana, abrindo-se possibilidade a um debate e a um melhor equacionamento sobre esse importante momento da sociabilidade humana e qual o papel dos indivíduos no desenvolvimento e no alcançar-se a um novo patamar de sociabilidade.

A tendência marxiana, hoje mais que nunca alvo de críticas diante de uma conjuntura negativa para o campo revolucionário, até por isso mesmo impõe a urgente e necessária pesquisa dos clássicos, das “fontes”, ou pelo menos das mais importantes na pesquisa histórica. Justamente por aquilo que eles têm a ensinar diante de um conhecimento reduzido às dimensões empíricas e singulares da vida social, e ainda mais pelas tendências irracionalistas presentes no pensamento contemporâneo, que negam a história e as possibilidades do conhecimento da totalidade social em sua efetiva dimensão ontológica real. Assim, vale ressaltar a não-submissão do problema investigativo do tema simplesmente ao caráter epistemológico.

Com isso não queremos dizer que a abordagem do ponto de vista ontológico torne a questão do método (ou da gnosiologia) irrelevante, como algumas críticas levam a crer. Até porque, conforme identifica Lukács, por “muito tempo a gnosiologia foi um complemento e um acessório para a ontologia: sua finalidade era o conhecimento da efetividade existente em si, e por isso a concordância com o objeto era o critério de todo enunciado correto” (Idem, ibidem, p.45). O que se questiona é uma gnosiologia fundada sobre si mesma, ao contrário justamente da apreensão do problema do ponto de vista ontológico, que em Marx aponta para um ponto metodológico central – a gênese do objeto e seu processo de

³ O debate de Lukács com representantes do materialismo mecanicista na Segunda Internacional é uma crítica à ausência do problema da individualidade, que a seu ver deformaria a expressão da totalidade social.

desenvolvimento configuram a questão decisiva – , indicando que a regência do objeto na pesquisa, o seu caráter ontológico fornece os elementos necessários para o seu conhecimento. Não é a cabeça iluminada do pesquisador por meio da definição antecipada do caminho a percorrer e de conceitos predefinidos, mas o próprio objeto que fornece o universo categorial para o seu conhecimento, problema que tem sido alvo de tantos equívocos e controvérsias no interior do próprio marxismo.

Queremos ressaltar um texto recente que expressa dois aspectos no sentido aqui discutido: a investigação do problema da individualidade e a tendência de ir aos clássicos mediante a investigação da fonte pela via da análise imanente. Moraes (2007) se dispõe a apreender e revelar os aspectos mais decisivos das determinações essenciais da individualidade em *O Capital* tomando a obra e seu universo categorial como a grande referência na apreensão e formulações sobre o problema da individualidade. Evidencia que o conteúdo da obra de Marx, tal como ele a concebeu e expressou, revela o real enquanto algo efetivamente existente, além do que a complexidade da sociabilidade capitalista comporta em seus nexos internos uma individualidade que só nessa sociabilidade aparece inteiramente explicitada. Entretanto, de forma contraditória, sob a racionalidade destrutiva do capital a individualidade cada vez mais complexa é portadora de uma essência humana traduzida em habilidades, sensibilidades, capacidades, sentimentos, conhecimentos, mas também só aparentemente mais livre, porque permeada por determinações materiais alienadoras, ou seja, perpassada por estranhamentos, como ela própria define.

Em sua pesquisa, apoiada na análise imanente, busca demonstrar que em *O Capital* estão presentes “não só a lei econômica do movimento da sociedade moderna, mas as determinações históricas de uma dada forma de atividade dos indivíduos para produção e reprodução de sua vida, que revela também uma dada forma de existência humana genérico-individual dos homens que se produz na forma social capital” (Idem, *ibidem*, p.7). Na particular sociabilidade capitalista a forma mercadoria define a medida de todas as relações, e no interior dessas relações a individualidade se manifesta não como qualidade específica e singular, aquilo que faz cada homem único e irrepetível, pois sua individualidade em-si não é significativa para a estrutura social. Cada indivíduo é uma personificação de categorias

econômicas, representando classes e interesses criados no processo de reprodução do capital enquanto síntese de todos os atos e relações estabelecidas. Desse modo, o significado das pessoas é equivalente ao ter, enquanto representantes possuidores de mercadorias, sejam estas meios de subsistência ou meios de produção. O seu ser enquanto pessoa que se reconhece somente na relação com outra pessoa, portanto, uma relação que o define como membro do gênero humano, inteiramente subsumido pelo valor do ter.

Portanto, a individualidade é efetivamente perpassada pelo caráter fetichista da mercadoria como forma particular de estranhamento da sociabilidade capitalista, que se expande para todas as relações geradas a partir dessa base a todas as esferas da sociedade. A relação entre o indivíduo e o gênero assume um caráter particular graças à indissociável relação entre o indivíduo e a sociedade da qual ele é, no entendimento de Marx, uma “criatura” e, por isso mesmo, em um de seus comentários a respeito do valor, diz que “Marx, num de seus rasgos irônicos, indica que o que as pessoas significam nessa forma de sociabilidade guarda uma relação de equivalência com aquilo que elas têm seja na forma de meios de subsistência, seja na forma de meios de produção: ‘/.../ assim como algumas pessoas significam mais dentro de um casaco com galões que fora dele” (Idem, *ibidem*, p.82). Ressalta, ainda, que isso não implica a absoluta subsunção dos homens às determinações sociais, pois esse processo é permeado por conflitos entre e no interior das classes, mas abre possibilidades tanto para que as individualidades possam afirmar quanto para que possam negar a estrutura social, empreendendo a luta por uma individualidade livre e universal.

Ela busca evidenciar a individualidade no duplo sentido de “uma dada forma de existência dos homens no processo histórico de autoconstituição do ser social e como modo de ser singular e irrepetível de cada indivíduo, a forma particular na qual cada indivíduo se apropria dessa dada forma de existência” (Idem, *ibidem*, p.7). Apreende na obra de Marx três categorias: a naturalidade, a atividade vital consciente e a generidade, que configuram mediações fundamentais na constituição da individualidade humana, buscando, entre *O Capital* e a interlocução com autores brasileiros estudiosos do tema em Marx, o motivo de suas apreensões acerca da relação individualidade/generidade como momento do devir humano ainda não inteiramente realizado historicamente, mas em processo.

A investigação realizada resultou num texto pleno da tessitura categorial de Marx, no qual a individualidade é expressa a partir das determinações essenciais do moderno modo de produção que engendra as relações entre os homens. Com isso traz elementos que demonstram a presença da individualidade no universo do pensamento marxiano, ao contrário do que muitos levam a crer. Certamente o processo de conhecimento da individualidade em Marx não acaba aí, nem a autora se propõe a tal empreendimento e o texto deve ser ponto de partida para novas investigações.

Com essas considerações queremos mostrar a importância da análise imanente como procedimento na pesquisa de textos, muitas vezes denominada pesquisa “pura”, posta especialmente pela necessidade de retorno ao estudo dos clássicos ou de outros textos de importância decisiva numa pesquisa. No nosso entendimento, um poderoso instrumento de investigação teórica mediante o qual a interlocução com o texto revela não só o que o autor pensa sobre o tema em estudo, mas revela também, de forma indireta, a realidade mesma apreendida pelo autor, os seus acertos, enganos etc., configurando o embate dos homens entre si, que impulsiona o processo de conhecimento. Com base nessa convicção trazemos aqui algumas considerações sobre a análise imanente de textos como procedimento de pesquisa. Acrescentamos, porém, que a investigação imanente de um texto, por maior valor que tenha sido o esforço acadêmico empreendido, não esgota a interpretação do texto, fazendo-se necessário atentar para o seu papel social na referência ao momento histórico de sua gênese. Deste modo, a investigação de Marx tem sentido se permite que possamos compreender o mundo em que vivemos, e deve impulsionar em direção ao hoje e às possibilidades de sua transformação.

Bibliografia

CASSIRER, E. **El Problema del Conocimiento**. T. I., México Fondo de Cultura Económico, 1986.

CLARKE, S. **Crise do fordismo ou crise da social-democracia?** Lua Nova nº. 24, São Paulo, CEDEC, 1991.

CLAUDIN, F. La crisis teorica, In. **La crisis del movimiento comunista**, Paris, Ruedo Ibérico, 1970.

CHASIN, J. **O Integralismo de Plínio Salgado**: forma de regressividade no capitalismo hipertardio. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

KOFLER L. **Contribución a la historia de la sociedad burguesa**. Buenos Aires: Amorrortu, 1997.

KOYRÉ, A. **Estudos Galilaicos**. Lisboa: Publicações D. Quixote 1986.

LESSA, S. **Sobre análise imanente**. S.e., 2000.

LUKÁCS, G. **Introdução a uma estética marxista**. Tr. C.N. Coutinho e Leandro Konder, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

_____. **Os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. In Para ontologia do ser social, cap. IV, primeira parte. Tr. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo, Ciências Humanas, 1979.

_____. **Marx y el problema de la decadencia ideologica**. México, Siglo XXI, 1981a.

_____. **Per l'ontologia dell'essere sociale**. Versão italiana de Alberto Scarponi, Roma, Riuniti, 1981b.

MARX & ENGELS. **Grundrisse 1857-1858**. T I, México, Fondo de Cultura Económica, 1985.

MARX, K. **O Capital**. Vol. I. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

MESZÁROS, I. **Para além do capital**. Tr. Paulo C. Castanheira e Sérgio Lessa, São Paulo, Boitempo, 2000.

_____. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. Tr. Ana Cotrim e Vera Cotrim, São Paulo Boitempo, 2007.

MORAES, B.M. **As Bases Ontológicas da Individualidade Humana e o Processo de Individuação na Sociabilidade Capitalista**: um estudo a partir do Livro Primeiro de O Capital de Karl Marx. Tese de doutorado. UFC/FACED, 2007.

OFFE, C. **Trabalho como categoria sociológica central?** *Trabalho & Sociedade*, São Paulo, Tempo Brasileiro, 1989.

RIDONDI, P. **Galileu Herético**. São Paulo Cia. das Letras, 1991.

ROSSI, P. **A ciência e a filosofia dos modernos**. São Paulo, UNESP, 1989.

SECCO, L. **A crise da Sociedade do Trabalho**. *Praxis*, n.6. B. Horizonte, Projeto, 1996.

SEMPRUN, J. **Que Belo Domingo**. S. Paulo: Nova Fronteira, 1978.